



O atual frenesi em torno da inteligência artificial se espalhou como uma onda de choque.

Tudo começou entre engenheiros inspirados em um artigo de pesquisa de 2017. Em seguida vieram os capitalistas de risco ansiosos por lucrar com um novo boom. Eles foram seguidos por funcionários do governo que corriam para impor regulamentações.

Agora é a vez do trabalho.

Mais de 200 sindicalistas e tecnólogos reuniram-se esta semana em Sacramento numa conferência inédita para discutir como a IA e outras tecnologias ameaçam os trabalhadores e para traçar estratégias para futuras lutas e possíveis greves.

O evento Making Tech Work for Workers foi convocado por centros de trabalho, sindicatos e defensores dos trabalhadores da Universidade da Califórnia e atraiu pessoas representando trabalhadores portuários, trabalhadores de assistência domiciliar, professores, enfermeiros, atores, funcionários de escritórios estaduais e muitas outras ocupações.

Uma conclusão importante do processo: trabalhadores de todos os matizes estão determinados a lutar — durante as negociações contratuais e nas operações diárias — pelo direito de negociar mais controlo sobre a forma como a IA é implementada nas empresas. Os representantes sindicais detalharam as maneiras pelas quais a IA ameaça os empregos, desde escrever roteiros até dirigir táxis e telefonar para pessoas como caixas.

A saúde física e mental é prejudicada quando a tecnologia rastreia todos os seus movimentos, disse Luis, um trabalhador da Amazon do Inland Empire da Califórnia que pediu ao CalMatters que não usasse seu sobrenome por medo de represálias. Ele sentia que não conseguia parar de se mover ou pedir ajuda de colegas de trabalho ao levantar objetos pesados. Isso causava dores nas costas que dificultavam o sono à noite, além de sentimentos de depressão e diminuição da autoestima.

“Eu simplesmente não conseguia lidar com o fato de ser um robô”, disse ele, descrevendo por que desistiu. Mais tarde, ele voltou ao trabalho porque não teve outras oportunidades.

O porta-voz da Amazon, Steve Kelly, respondeu que “os funcionários são incentivados a trabalhar com intenção, não com velocidade, e podem fazer pequenas pausas a qualquer momento para usar o banheiro, pegar água, se esticar ou se afastar da tela. Além disso, não há nada de incomum no uso de câmeras para ajudar a garantir a [segurança](#) dos funcionários, a qualidade do estoque ou a proteção contra roubo - essa é uma prática comum em quase todos os grandes varejistas do mundo. Os funcionários que têm dúvidas ou preocupações sobre qualquer aspecto desta tecnologia ou de seus trabalhos geralmente não são apenas autorizados, mas incentivados regularmente, a levá-las aos seus gerentes e recebem diversas ferramentas para apoiá-los nesse processo.”

A reunião ocorre no momento em que o presidente eleito Donald Trump se prepara para iniciar sua segunda administração e pouco antes do prazo final de 21 de fevereiro para



propor projetos de lei para a atual sessão do Legislativo da Califórnia. Não está claro exatamente como Trump responderá às questões relacionadas à tecnologia e aos trabalhadores. Ele fez algumas promessas que parecem favoráveis às grandes tecnologias, como a promessa de cortar regulamentos que considera prejudiciais à [inovação](#) e a promessa de revogar uma ordem executiva assinada pelo seu antecessor que colocava salvaguardas na IA.

Mas ele também se posicionou como um defensor dos operários deixados para trás pelas elites tecnológicas: no mês passado, ele chamou a automação de prejudicial aos trabalhadores. Os observadores também ficaram perplexos com a posição exata do novo presidente em questões como vistos H-1B para talentos tecnológicos estrangeiros ou como ele pode ser influenciado pelo conselheiro de alto nível Elon Musk, o onipresente bilionário da tecnologia.

Os participantes da conferência não se concentraram muito em Trump. Em vez disso, centraram as discussões sobre como proteger os trabalhadores da tecnologia que os pode explorar ou automatizar a discriminação. Os representantes sindicais instaram por unanimidade os trabalhadores a negociarem como a IA e outras formas de tecnologia são utilizadas no local de trabalho durante a negociação. Muitos também instaram os trabalhadores a envolverem-se mais nas questões tecnológicas, considerando como utilizar a tecnologia para se organizarem ou pressionando pela criação de comitês onde a gestão deve discutir a tecnologia com os trabalhadores antes da implementação.

Os cerca de 150 mil membros do sindicato United Food and Commercial Workers - pessoas que trabalham em lojas como Kroger e Albertsons - e os 100 mil membros do Sindicato Nacional de Enfermeiros enfrentarão lutas importantes relacionadas à automação este ano, enquanto negociam novos contratos. Os trabalhadores da mercearia desafiarão o papel dos balcões de auto-pagamento, enquanto os enfermeiros contestam as ferramentas de IA que, segundo eles, podem influenciar o seu dever de cuidar e priorizar os lucros das companhias de cuidados de saúde e de seguros em detrimento da saúde dos pacientes.

Há muito que as empresas comercializam a IA junto dos consumidores e investidores como uma tecnologia que transformará o mundo para melhor. Mas reuniões como a conferência em Sacramento mostram que os sindicatos também estão a utilizar a IA como forma de estimular os trabalhadores a organizarem o seu local de trabalho.

Os sindicatos têm um caminho íngreme a escalar para aumentar o número de membros e o poder dos trabalhadores, disse Amanda Ballantyne, diretora executiva do AFL-CIO Tech Institute, mas incluir a IA nas negociações coletivas é fundamental, porque há muitos casos de uso da IA no local de trabalho e os trabalhadores tendem ter opiniões fortes sobre eles, uma vez que são especialistas em seus próprios trabalhos e conhecem melhor as implicações de segurança de uma nova ferramenta.

Vários representantes sindicais argumentaram na conferência que os trabalhadores



precisam de ganhar e exercer poder para resistir à implantação de tecnologia com potencial para os explorar, causar-lhes indignidade ou tomar os seus empregos.

Um relatório divulgado no início deste ano pelo Instituto Latino de Política e Política da UCLA descobriu que 4,5 milhões de californianos trabalham em 20 indústrias classificadas como de alto risco de perda de emprego devido à automação, e que mais de metade dos trabalhadores de alto risco são latinos. A automação que elimina empregos é uma grande preocupação para três em cada quatro americanos, de acordo com uma pesquisa Gallup realizada no ano passado, mas a IA que faz previsões sobre trabalhadores, gerencia trabalhadores ou tenta rastrear e quantificar cada movimento deles também é um grande risco, disse a diretora do Centro de Trabalho da UC Berkeley, Annette Bernhardt. Ela disse anteriormente ao CalMatters que está menos preocupada com a IA assumindo empregos do que com os algoritmos usados no local de trabalho tratando as pessoas como máquinas.

A IA tem o potencial de reduzir a discriminação e melhorar a saúde e a segurança dos trabalhadores, mas também tem o potencial de provocar perdas de emprego, ajudar a suprimir os esforços de organização dos trabalhadores e intensificar as exigências impostas aos trabalhadores, um fenómeno que levou a taxas de lesões mais elevadas nos armazéns da Amazon.

O diretor executivo e negociador-chefe da SAG-AFTRA, Duncan Crabtree-Ireland, disse que a IA ressalta por que é importante que os trabalhadores se organizem, porque isso pode forçar os empregadores a negociar o uso da IA durante a negociação do contrato, em vez de decidir unilateralmente introduzir a tecnologia no local de trabalho. Mas a obtenção de tais cláusulas contratuais exige previsão por parte dos líderes sindicais, que devem elaborar uma mensagem que possa ressoar junto dos trabalhadores e do público.

“Enfrentamos os maiores interesses corporativos e os maiores interesses políticos que se possa imaginar, e trabalhar juntos e em unidade é absolutamente a origem do nosso poder”, disse ele. “Especialmente porque teremos tantos desafios a nível federal, na Califórnia podemos usar as políticas públicas para promover a negociação coletiva e usar a negociação coletiva para promover as políticas públicas.”

Muita tecnologia introduzida no local de trabalho é apenas vigilância dos trabalhadores, disseram os defensores, e isso não é novidade. “É o velho chefe com novas ferramentas”, disse a presidente da Federação do Trabalho da Califórnia, Lorena Gonzalez. Há três anos, como membro da assembleia, Gonzalez foi coautor de uma lei que impede algoritmos de negar aos trabalhadores intervalos de descanso ou violações de segurança dos trabalhadores.

Em meio à incerteza de como o governo Trump abordará as preocupações sindicais em torno da tecnologia, Gonzalez disse ao CalMatters na semana passada que está trabalhando com colegas em outros estados, incluindo Oregon, Massachusetts e Washington, e Wisconsin para aprovar legislação para proteger a privacidade dos trabalhadores em



espaços como salas de descanso e banheiros e garantir que eles saibam quando um empregador está coletando dados sobre eles ou monitorando o desempenho no trabalho.

A Agência de Proteção à Privacidade da Califórnia está atualmente elaborando regras que exigiriam que as empresas informassem os candidatos a empregos e os trabalhadores quando a IA estiver em uso e permitiriam que eles cancelassem a coleta de dados no trabalho sem consequências. A Califórnia se tornaria o primeiro estado a promulgar tais regras, mas essa [regulamentação](#) ainda está em negociação. O Departamento de Direitos Civis da Califórnia também está elaborando regras para proteger os trabalhadores da IA que podem automatizar a discriminação.

Gonzalez disse que não gosta de confiar em tais regras porque podem levar muito tempo para serem finalizadas e aplicadas, apontando para a luta para manter os trabalhadores protegidos de locais de trabalho quentes, uma batalha que já dura quase uma década.

Entretanto, pessoas como Amba Kak vêem oportunidades de ganhos por parte dos trabalhadores contra as ameaças tecnológicas, mas dizem que isso pode exigir a escolha estratégica das batalhas certas. Kak aconselhou anteriormente a Comissão Federal de Comércio e é diretor executivo do AI Now Institute, uma organização sem fins lucrativos que pesquisa o impacto da tecnologia nos direitos humanos.

Aproveitar essas oportunidades exige prestar atenção a questões que podem construir pontes entre os trabalhadores e outros intervenientes no movimento de justiça tecnológica. Por exemplo, a atividade dos centros de dados pode reunir pessoas preocupadas com o clima e o trabalho e pessoas das comunidades locais que vêem os centros de dados consumir grandes quantidades de água e energia.

Kak disse ao CalMatters que planeja prestar mais atenção às atividades nas legislaturas estaduais em lugares como Califórnia e Nova York, onde os legisladores já estão considerando um projeto de lei que protege as pessoas da IA de maneira semelhante ao projeto de lei 1047 do Senado da Califórnia, um projeto polêmico que exige IA salvaguardas que Newsom vetou no ano passado.

“Os trabalhistas têm estado na vanguarda do reequilíbrio de poder e da afirmação de que o público tem uma palavra a dizer na determinação de como e em que condições esta tecnologia é usada”, disse ela.

Este artigo foi publicado originalmente no The Markup e republicado sob Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives licença.